

UMA DISCUSSÃO SOBRE O LUGAR DO CAIPIRA NO FUTURO DA REPÚBLICA

Leonardo da Costa Ferreira¹

Resumo: Este artigo lança uma discussão sobre os debates, ocorridos ao longo da Primeira República, acerca do lugar que cabia ao caipira no futuro da nação. Serão observados, para isso, textos de Amadeu Amaral, Cornélio Pires e Monteiro Lobato.

Palavras-chaves: república, identidade, caipira e nação.

Abstract: This paper intend to discuss about how the hicks had their social place constructed during the first Brazilians Republic. For this issue, texts of Amadeu Amaral, Cornélio Pires and Monteiro Lobato were took to be observed.

Keywords: republic, identity, hick, and nation.

Lobato versus Pires: discutindo o caipira

Em 1914, Monteiro Lobato publica o artigo “Urupês” no jornal *O Estado de S. Paulo (OESP)*. No artigo, Lobato criou um personagem, seu nome “Jeca-Tatu”. O Jeca se tornou quase imediatamente em um dos personagens mais famosos de nossa literatura, transformando-se em sinônimo do homem rural tanto que, uma empresa farmacêutica difundiu, nas décadas de 1910 e 1920, um tônico (Biotônico Fontoura) através do folheto Jecatatzinho (SKDIMORE, 1976, p. 200).

O Jeca também virou sinônimo de caipira. Mas, quem eram os caipiras? Do ponto de vista sócio-político designaria o agricultor posseiro, o pequeno sitiante, o agregado das fazendas, o homem livre pobre, o habitante das cidadezinhas. Todos caracterizados como falantes de uma linguagem que, em tese, misturava expressões indígenas (tupi, preferencialmente) com o português (FERREIRA, 2002, p. 220-227).

Inicialmente, Monteiro Lobato irá atribuir ao Jeca-Tatu, “espécie degenerada em sua origem mestiça”, a responsabilidade por todos os problemas do universo rural. Em 1914, o Jeca-Tatu era indolente, incapaz de participação na vida política e desconectado da produção fabril do mundo moderno. Citando as palavras do próprio Monteiro Lobato, o caipira Jeca-Tatu seria uma:

¹ Mestre em História Social pela *Universidade Federal Fluminense* (2007) e professor de história das redes públicas de ensino da *Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro* (2003) e do Governo do Estado do Rio de Janeiro (2005). E-mail: lucnardo@ig.com.br

[...] uma espécie de homem baldio, semi-nômade, inadaptável à civilização, mas que vive a beira dela na penumbra das zonas fronteiriças. A medida que o progresso vem chegando ... vai ele refugindo em silêncio, com o seu cachorro, o seu pilão [...] de modo a sempre conservar-se fronteiriço, mudo e sorna. Encoscarado numa rotina de pedra, recua para não adaptar-se [...] o cabloco é uma quantidade negativa (LOBATO, OESP, 1914).

Lobato, que nesse tempo era fazendeiro do interior paulista, em uma correspondência com seu amigo Godofredo Rangel, reclamou de uma determinada corrente de interpretação dos elementos nacionais, denominados por ele de “caboclistas”. Nessa carta, Lobato acusou os caboclistas de realizarem uma leitura errônea porque, em sua opinião, exaltava o interiorano brasileiro erradamente. Diz o autor do *Sítio do pica-pau amarelo*:

A nossa literatura é fabricada nas cidades por sujeitos que não penetram nos campos de medo dos carrapatos. E se por acaso um deles se atreve e faz uma entrada, a novidade, entra a ver o velho cabloco romântico já cristalizado – e até caipirinhas cor de jambo [...] O meio de curar esses homens de letras é retificar-lhes a visão. Como? Dando a cada um, uma fazenda na serra para que a administrem. Se eu não houvesse virado fazendeiro e visto como é realmente a coisa, o mais certo era eu estar lá na cidade a perpetuar visão erradíssima do nosso homem rural. O romantismo indianista foi todo ele uma tremenda mentira; e morto o indianismo, os nossos escritores o que fizeram foi mudar a ostra. Conservaram a casca [...] Em vez de índio, cabloco (LOBATO, 1959, p. 50).

Esse posicionamento de Monteiro Lobato, segundo Silvia Leite², era uma crítica direta a Cornélio Pires, escritor de origem humilde que produzia e vendia milhares de livros somente sobre a temática caipira. O próprio Lobato afirma que a crítica aos caboclistas foi realizada para “[...] bulir com o Cornélio Pires, que anda convencido de ter descoberto o caboco [...]” (LOBATO, 1959, p. 51).

Cornélio Pires realizava, desde 1910, tournée pelo interior de São Paulo, Minas Gerais e Goiás com o grupo musical *Turma dos caipiras* que entoava cantigas e contava anedotas sobre o cotidiano caipira. O

² Sílvia Helena Telarolli de Almeida Leite é professora de literatura na Faculdade de Ciências e Letras da UNESP, Campos de Araraquara desde 1985 e estuda a sátira e o riso na literatura paulista.

sucesso das apresentações foi tanto que Pires resolveu montar programas de rádio, produzir filmes³ e lançar LPs (ROVAI, 1978, p. 57-75).

Pires também publicou inúmeros livros dentre os quais os principais são *Musa caipira* (1910), *Quem conta um conto...* (1916), *Cenas e paisagens da minha terra* (1921), *Conversas ao pé do fogo* (1921), *As estrambóticas aventuras de Joaquim Bentinho, o queima campo* (1924), *Continuação das estrambóticas aventuras de Joaquim Bentinho, o queima campo* (1929) e *Sambas e Cateretês* (1932). Esses livros venderam juntos mais de trezentos mil exemplares. De acordo com Leite, Cornélio só perdia em vendas justamente para Lobato, seu principal crítico (LEITE, 1996, p. 117-118).

O caipira de Cornélio Pires foi criado, em 1916, no livro *Quem conta um conto...* e o seu caipira é o oposto do já lendário Jeca-Tatu. Isso levou aqueles dois intelectuais a travarem uma bela disputa através das páginas d' *O Estado de S. Paulo* e de seus próprios livros. Para o paulista Monteiro Lobato o caipira do também paulista Cornélio Pires era:

[...] uma bonita estilização – sentimental, poética, ultraromântica, fulgurante de piadas – e rendosa. O Cornélio vive, passa bem, ganha dinheiro gordo, com as exibições que faz do seu caboclo [...] é o público mija de tanto rir. O meu Urupês veio estragar o caboclo do Cornélio (LOBATO, 1959, p. 52).

Diante esta crítica direta Cornélio Pires brada que:

O nosso caipira tem sido vítima de alguns escritores patricios, que não vacilam em deprimir o menos poderoso dos homens para aproveitar figuras interessantes e frases felizes como jogo de palavras. Sem conhecimento direto do assunto, baseado em rápidas observações sobre mumbavas e agregados [...] certos escritores dão campo ao seu pessimismo, julgando o todo pela parte, justamente a parte podre, apresentando-nos o camponês brasileiro coberto de ridículo, inútil, vadio, ladrão, idiota e nhampan (PIRES, 1987, p.3).

Quando Pires acusa Monteiro Lobato de julgar, “o todo pela parte, justamente a parte podre”, aquele se refere as suas pesquisas publicadas no livro *Conversas ao pé do fogo* (1921) onde discute o “caipira como ele é”. Através de uma apresentação em diferentes tipos, tais como: o caipira branco, o caipira caboclo, o caipira preto e o caipira

³ Filmes de Cornélio: *Brasil Pitoresco* (1923) e *Vamos Passear* (1934).

mulato. Cornélio Pires afirma que o autor de “Urupês” cometeu o erro de observar apenas o caipira caboclo, registrando-o na literatura como o caipira por excelência.

Nesse sentido, torna-se importante lembrar que as desavenças entre esses dois intelectuais nunca foram tão irredutíveis assim. Porque quando Cornélio Pires se refere ao caipira caboclo (mistura de branco com índio) ocorre o resgate da imagem fixada por Monteiro Lobato no físico: “Cabelos grossos que não tiveram contato com o pente, a barba rala, semeada no queixo com fios espetados aqui e ali” (PIRES, 1987, p. 20). Nas roupas: “O traje do caboclo é repelente. Sua casa é imunda, de paredes esburacadas, cobertas de sapé velhíssimo e podre [...] A miséria envolve-lhe o lar” (PIRES, 1987, p. 23). No trabalho; “Geralmente os caipiras caboclos são madraços. Arranjando um cantinho no sítio do branco ou na fazenda lá ficam mumbaveando, tolerados pelos patrões [...] aos quais não prestam serviço” (PIRES, 1987, p. 22). E, finalmente, no comportamento são “[...] preguiçosos, velhacos e mantosos, barganhadores como ciganos, desleixados, sujos e esmulambados [...] são valentes, brigadores e ladrões de cavalos” (PIRES, 1987, p. 21).

Quanto aos demais tipos de caipiras, isto é, os brancos, os pretos e os mulatos Cornélio os descreve da seguinte maneira: o caipira branco descende da “melhor estirpe” dos povoadores portugueses ou de imigrantes de outros cantos da Europa. É “gentil e bem educado”, preocupa-se com a educação dos filhos, mesmo quando os pais são analfabetos. É, entre todos, o mais inteligente e o mais honrado. Já o caipira negro se caracteriza por ser trabalhador e progressista, limpo e educado, alegre e dado ao canto e a dança, sendo alguns artistas invejáveis. Por fim, os caipiras mulatos (mistura de branco com negros) são os mais vigorosos, altivos e independentes brasileiros. Este “procura elevar-se pelo trabalho” e, quando empregado é ativo e fiel, prestando-se “a todo tipo de trabalho” (BRANDÃO, 1983, p. 30-31).

Enfim, para o escritor, músico e cineasta Cornélio Pires aqueles três tipos de caipiras seriam:

[...] trabalhadores, fortes, tímidos em contato com os da cidade, folgazão e alegre em seu meio, de rara inteligência e argúcia, tem maleabilidade para todo serviço é dócil, amoroso, sincero e afetivo [...] e no confronto com o trabalhador estrangeiro, ele ganha em envergadura (FERREIRA, 2002, p. 227).

Como Amadeu Amaral se posicionava nesse debate? Cornélio Pires era seu primo e Monteiro Lobato seu amigo e, também, seu sócio na *Revista do Brasil*. Amadeu Amaral foi sócio e, depois, a convite de Lobato, assumiu, juntamente com Afrânio Peixoto, em janeiro de 1921, a direção da revista. Porém, Amaral permaneceu no cargo apenas seis meses, pois teve que abandoná-lo para poder participar da campanha política de 1922⁴ (DUARTE, 1948, p. 22-28).

Qual seria, portanto, o posicionamento de Amadeu Amaral em relação a Monteiro Lobato e Cornélio Pires? A resposta não é das mais fáceis. Mas, podemos encontrar pistas no mais famoso livro de Amadeu Amaral: *O dialeto caipira* publicado, em 1920, pela editora Livro, mas, escrito entre os anos de 1916 e 1918 (DUARTE, 1948, p. 32-38). *O dialeto* foi apresentado como um estudo do vocabulário, da sintaxe, da morfologia, da lexicologia e da prosódia caipira. A obra teve como fontes as investigações sobre a língua tupi realizada por Teodoro Sampaio, alguns dicionários de português arcaico, obras de folclore de Cornélio Pires, Simões Lopes Neto e Hugo Ramos de Carvalho e livros de prosa de Carlos Fonseca e Catulo da Paixão Cearense.

Amadeu Amaral tinha simpatia pelo caipira por considerá-lo como representante de um mundo ameaçado pela modernidade, isto é, pela europeização dos costumes. Conforme as palavras de Amadeu Amaral o falar caipira achava-se no final da década de 1910 “[...] acantonado em pequenas localidades que não acompanham de perto o movimento geral do progresso e subsiste, fora daí, na boca de pessoas idosas” (DUARTE, 1948, p. 42). Desse modo, para Amaral o dialeto dos caipiras precisava ser registrado porque se encontrava em via de ser extinto, pois:

⁴ Em 1922, Amadeu Amaral jornalista a mais de uma década do jornal *O Estado de S. Paulo* e imortal da Academia Brasileira de Letras a cerca de três anos decidiu se lançar candidato a deputado estadual pelo Quarto Distrito Paulista (região de Capivari e arredores) com a finalidade de derrotar o seu inimigo declarado, o *Partido Republicano Paulista (PRP)*. Ressalta-se que, devido fraudes eleitorais comprovados por membros dissidentes do próprio *PRP*, Amaral perdeu a chance de se eleger e sob ameaça teve que se mudar para o Rio de Janeiro onde ficou por dois anos. Para maiores informações ver Ferreira, 2007.

Os genuínos caipiras, os roceiros ignorantes e atrasados, começaram também a serem postos de banda, a ser atirados à margem da vida coletiva, a ter uma interferência cada vez menor nos costumes e na organização da nova ordem das coisas. A população cresceu e mesclou-se de novos elementos. Construíram-se vias de comunicação por toda parte, intensificou-se o comércio, os pequenos centros populosos que viviam isolados passaram a trocar entre si relações de toda a espécie e a província entrou por sua vez em contato permanente com a civilização exterior [...] Era impossível que o dialeto caipira deixasse de sofrer tão grandes alterações do meio social (AMARAL, 1920, p. 41-42).

Até o presente momento podemos afirmar que Cornélio Pires considerava a maioria dos caipiras seres humanos fortes. Por outro lado, Monteiro Lobato os considerava motivo do atraso. Já Amadeu Amaral acreditava que eles estavam em extinção porque o progresso ou a modernidade os assimilava. Interessante, nesse momento, é marcar uma oposição que Amaral tinha com seu primo Pires. O segundo acreditava na influência da cultura africana no caipira, já o primeiro entendia:

De algumas décadas para cá tudo entrou a transforma-se. A substituição do braço escravo pelo assalariado afastou da convivência cotidiana dos brancos grande parte da população negra [...] Desapareceu quase por completo a influência do negro, cujo contato com os brancos é cada vez menor e cuja mentalidade, por seu turno, se modifica rapidamente (AMARAL, 1920, p. 41-42).

Outro exemplo que marca esta diferença entre os primos Cornélio Pires e Amadeu Amaral ocorreu na maneira como o segundo analisa, estuda e qualifica um caipira descrito num popular conto paulista das três primeiras décadas do século XX. Nesse sentido, torna-se fundamental descrevermos e analisarmos o artigo de Amadeu Amaral chamado “Um conto picaresco”.⁵

No artigo, Amadeu Amaral descreve a engraçada história de um roceiro que se aventura pelas agitadas ruas da capital paulista. Roceiro que, segundo o conto, é convidado por um cidadão paulistano para almoçar num restaurante da capital. A história, segundo o próprio Amaral, foi coletada e analisada por Cornélio Pires em uma de suas

⁵ Este é um, entre os muitos, artigos folclóricos de Amadeu Amaral que está incompleto e que, também, não foi publicado em vida. Vale lembrar que Amadeu Amaral viveu entre 1875 e 1929.

inúmeras palestras⁶. Desse modo, descreveremos inicialmente a engraçada história.

Um roceiro vem a S. Paulo e cai nas garras de um espertalhão da pior espécie. Este leva-o um dia a jantar num restaurante, onde comem á tripa forra; no fim, pretextando qualquer coisa, retira-se, deixando o caipira à sua espera. Depois de muito esperar, como o homem não volta e como lhe exigem o pagamento, o roceiro resolve explicar-se com o gerente, declarando que fora convidado e que estava desprevenido; mas o gerente não quer saber de nada, e impõe-lhe este dilema: ou paga, ou não sai. O desventurado dá largas à sua indignação contra o patife que o pos naqueles assados, e, matutando, parolando, acaba por afirmar que dará com o tal ali dentro, sem maior demora, por meio de umas mandingas que ele conhece. Pedê uma agulha e um bom pedaço de linha. Dão-lhe. Dirigindo-se então a porta da rua, espeta a agulha na porta com a linha enfiada e presa por um nó, pega na linha e vai-se afastando a pouco e pouco, a esticá-la à medida que corre os dedos por ela, tudo isso debaixo de um ar de concentração e mistério. Afinal, chegando a extremidade da linha, que teve o cuidado de puxar para o lado de fora da rua, dá um salto para fora e diz adeus ao pessoal do restaurante (AMARAL, 1948, p. 297).

Após a descrição do conto, amigo leitor(a), o que faz Amadeu Amaral? Afirma, contundentemente, que o conto em questão tem uma origem nitidamente e tão somente européia. Segundo Amaral, pode-se encontrar contos parecidos em Portugal e até mesmo na Itália. Como forma de comprovar sua tese, Amaral cita passagens histórias parecidas coletadas pelo português Teófilo Braga e pelo italiano Giordano Bruno. Nosso poeta considera que boa parte da cultura caipira tem como ancestralidade a européia cultura portuguesa.

No momento o interessante é perceber que para Amadeu Amaral o caipira é praticamente branco⁷ sendo o seu vocábulo composto de elementos oriundos do português usado pelo colonizador, de termos provenientes de línguas indígenas e de vocábulos importados de outras línguas por via bastante indireta. Aqui, nosso poeta se refere a vocábulos africanos, castelhanos, quéchua e ibero-sul-americanos.

⁶ Amadeu Amaral não cita data nem local da dita palestra de Cornélio Pires e, apesar de meus intensos esforços, não consegui encontrar nenhuma arguição de Pires sobre o assunto.

⁷ Amadeu Amaral considerava o caipira um branco de origem portuguesa, nesse sentido, o leitor(a) deve lembrar-se que no senso comum europeu Portugal não é considerado uma nação com o mais embranquecido dos povos.

Da guinada de Lobato à reformulação de Amaral

Conforme exposto anteriormente, em “Urupês” (1914), Monteiro Lobato atribuía preponderância às teses raciais e climáticas para a pobreza, chegando a culpar o trabalhador do campo por sua condição. Porém, no livro *O problema vital* (1918) o escritor refletiu sobre esse assunto de outra maneira, pois passou a acreditar numa explicação médico-científica. Dessa maneira, o problema do Jeca-Tatu não era mais uma questão de inferioridade racial, mas sim um problema médico-sanitário. O raciocínio era o seguinte: O Jeca está doente, portanto é pobre. Mas é pobre porque é doente. Elucidativa é a epígrafe do livro *O problema vital*: “O Jeca não é assim, está assim” (SKDIMORE, 1976, p. 201).

Essa transformação do pensamento de Monteiro Lobato aconteceu quando entrou em contato com os médicos Artur Neiva, Belisário Penna e Renato Kehl, participantes do movimento sanitário. Penna e Neiva chefiaram uma expedição, em 1912, patrocinada pela Inspetoria de Obras Contra as Secas que percorreu extensas regiões do Nordeste e Centro-Oeste (SKDIMORE, 1976, p. 200-203). Após a conclusão da expedição os médicos-sanitaristas decidiram publicar os seus diários. Sendo assim, em 1916, foi lançado um livro recheado de fotografias que mostravam a miséria em que viviam os brasileiros daquelas regiões (SKDIMORE, 1976, p. 200-203). Segundo Sílvia Leite, Monteiro Lobato mantinha relações bem próximas com Renato Kehl e Belisário Penna, tanto que *O Problema Vital* (1918) foi transformado em livro por decisão da Sociedade de Eugenia de São Paulo e Liga Pró-Saneamento do Brasil. Instituições essas que contavam com a participação dos médicos já citados (LEITE, 1996, cap. 3).

A guinada de Lobato também pode ser materializada no artigo “Jeca-Tatu: a ressurreição”, que ficou conhecido como “Jecatuzinho”. No texto, o Jeca padecia dos mesmos males que o descrito alguns anos antes em “Urupês”. Mas, após entrar em contato com a ciência, curava-se das suas moléstias se tornando um trabalhador exemplar. Lobato expressa maravilhosamente essa transformação no artigo “Início da ação”, também contido no livro-coletânea *O problema vital*, onde afirma que:

A idéia do saneamento é uma. Bastou que a ciência experimental, após a série de instantâneos cruéis que o diário de viagem de Artur Neiva e Belisário Penna lhe pôs

diante dos olhos, propalasse a opinião do microscópio, e esta fornecesse à parasitologia elementos para definitivas conclusões, bastou isso para que o problema brasileiro se visse, pela primeira vez, enfocado sob um feixe de luz rutilante. E instantaneamente vimo-la evoluir para o terreno da aplicação prática [...] porque o nosso dilema é este: ou doença ou incapacidade racial. É preferível optarmos pela doença (LOBATO, 1918, p. 297).

Diante dessa mudança de Monteiro Lobato como se comportou o “adversário” Cornélio Pires e o amigo Amadeu Amaral? Primeiramente, Pires defendia a alfabetização em massa, a moralização política e chegou a fazer apologia à educação escolar, à educação física e à saúde pública. Não esqueçamos que Pires foi professor de educação física em Botucatu-SP (LEITE, 1996, cap.4). Em livros como *Quem conta um conto...* (1916) e *Conversas ao pé do fogo* (1921), Cornélio procurou mostrar aos seus leitores que o ser humano caipira precisava sofrer reformas sociais e estruturais para progredir. Entretanto, na visão corneliana, essa modernização não deveria implicar na substituição de todas as manifestações culturais dos caipiras (como a camaradagem, a alegria e a simpatia), pois tais traços culturais, segundo o escritor, estavam sendo perdidos nas grandes cidades e resgatá-los seria primordial.

Cornélio Pires nos fornece vários exemplos de como seria um caipira renovado pela educação e saúde. Alguns exemplos encontram-se no livro *Quem conta um conto...* (1916) como o personagem João Claudino “[...] caboclo sério até ali, tipo trabalhador e íntegro, que se indigna ao presenciar o desrespeito com os mais fracos” (PIRES, 1916, p. 141-142) e outro, chamado de Jeca Ribeiro “[...] bom caipira remediado, amigo dos livros, jornais e almanaques da botica que o deleitavam todas as noites” (PIRES, 1916, p.122).

Ainda com base no livro citado acima, o autor critica o coronelismo. Ele chega, inclusive, a inverter ou nivelar os papéis afirmando que o caipira não é inteiramente manipulado visto que, consegue tirar algum proveito do injusto sistema político brasileiro. Um bom exemplo é o Quirino que sempre “arranca” dos coronéis algum bem material, especialmente durante as eleições. Na última teve a “[...] a coragem de votar no partido do João Queixume, velho adversário do Ferruja [seu patrão], a troco de uma pala e um par de chinelas de liga” (PIRES, 1916, p. 93).

Nesse aspecto, Cornélio Pires procura mostrar aos seus leitores que o caipira pode ajudar na construção do futuro da nação. Nas palavras do poeta, músico e escritor paulista “Ainda não estão perdidos [...] Para salvá-los bastam duas coisas tomadas a sério: a escola e a obrigatoriedade do ensino... mas de verdade” (PIRES, 1921, p. 26).

A mudança que Monteiro Lobato deu ao Jeca Tatu pós-1918, o levou a escrever uma carta, não datada, para Cornélio Pires congratulando-o pelos seus livros e pelo sucesso de vendas de *As estrambóticas aventuras de Joaquim Bentinho, o queima campo* (1924). Diz Lobato:

[...] já comprei as ‘Aventuras’ e li-as e vendo dar-te um abraço e ao mesmo tempo confirmar-lhe minha admiração pela tua obra, inda não bem compreendida pela crítica. Você, Cornélio, é um dos pouquíssimos que vai ficar. Há tanta verdade nos teus tipos, tanta vida, há tanto humanismo na tua obra, há tanta beleza, e tanta originalidade em teu estilo que estás garantido, estás à prova do tempo que varre impiedosamente o que é medíocre. Um sincero abraço (ARAÚJO, 1968, p. 128).

Após a análise de Cornélio Pires é importante focamos em Amadeu Amaral e a reformulação de seu pensamento sobre o caipira. Nesse sentido, serão fundamentais dois artigos contidos no livro *Política humana*. O primeiro *O jeca e o japonês* e o segundo, *O nosso caipira*. Ambos foram escritos para conferências realizadas em diversas cidades do Quarto Distrito Eleitoral de São Paulo, no decorrer do ano de 1922, quando foi candidato a deputado estadual com o apoio da Liga Nacionalista.

Quando pesquisou para *O dialeto caipira* (1920), em meados de 1916 e 1918, Amaral acreditava que os caipiras estavam fadados à extinção porque a modernização e/ou urbanização estavam assimilando-os. Entretanto, ao que tudo indica, Amadeu, influenciado por Monteiro Lobato e por Cornélio Pires e pela plataforma política de sua campanha eleitoral, reformularia o caipira. O candidato Amadeu Amaral passou a considerar o caipira um forte, pois:

[...] rasgou caminhos, transpôs montanhas e rios, sangrou-se em lutas inúmeras, derrubou matos, espalhou sementeiras de lavuras e de cidades, plantou no país uma nação, criou um homem física e moralmente diferenciado, que já não era o europeu, sem ser muito menos aborígene; um homem pacífico, tenaz, resistente, desconfiado, bonachão, sagaz e

delicado por natureza; um tipo que era nosso, bem nosso, adaptado a terra, simpático a terra, apegado e identificado com a terra, capaz de todas as dedicações e de todos os sacrifícios por sua terra (AMARAL, 1976, p. 37).

De seres humanos ameaçados de extinção à construtores da nação, manifesta-se, nesse pensamento, uma boa transformação. O que Amadeu Amaral nitidamente lamenta e propõe como candidato era a mudança do atual estado sócio-político do caipira. Conforme as palavras do próprio Amadeu Amaral:

O desgraçado do Jeca – fundamentalmente bom, acolhedor e simples – vive atirado para os piores atascos perdidos por estas quebradas da serra, entre a mata brava. Não sabe ler. Não lhe dão boa terra, não lhe ensinam a cultivar boa terra, nem sequer lhe garantem a posse do pedaço de chão onde erguer o rancho. Médico, nem para remédio ... senão uma vez a cada cinco anos, por milagre. Ninguém lhe dá ferramentas, nem sementes. Não lhes dão estradas. Repelem-no, ridicularizam-no, empurram-no para os atoleiros do sertão. E assim, profundamente minado de doenças, profundamente encoscorado de ignorâncias e preconceitos hereditários, profundamente desalentado e descrito, sem esperanças nenhuma, refugio a que apenas se concede a graça de viver, o Jeca se dispersa, se encolhe, se aniquila e desaparece (AMARAL, 1976, p. 40).

O que esse discurso de Amadeu Amaral nos mostra é que o caipira Jeca-Tatu pode se extinguir pelo fato de não ter sido preparado para os novos ou modernos tempos. Até esse momento não houve nenhuma grande mudança em relação ao pensamento *amaralino* exposto em *O dialeto caipira*. A verdadeira mudança era que, agora, durante a campanha, entre no mínimo quatro e no máximo seis anos após as pesquisas para *O dialeto*, Amaral acreditava que aquela extinção, antes inevitável, pode ser evitada, desde que:

Valorize o Jeca. Peque o Jeca, dê-lhe ensino, dê-lhe convivência, dê-lhe estradas, dê-lhe sementes, dê-lhe instrumentos de lavoura, dê-lhe roupa, dê-lhe saúde, dê-lhe esperança de aumento e, ao menos, certeza de remuneração; tirem-lhe as sezões, tirem-lhe o piolho, tirem-lhe o amarelão, o percevejo, o barbeiro, o bicho-de-pé e o berne, tirem-lhe a cabelação, os farrapos, a sujeira, tirem-lhe as abusões, tirem-lhe o medo à gente, e, depois disso feito, venham cá dizer que o pobre do caipira não vale nada (AMARAL, 1976, p. 40-41).

Na lógica de Amadeu Amaral o que não permitia a melhoria social do caipira era o preconceito das administrações públicas brasileiras, no caso paulista, comandadas pelos coronéis do *Partido Republicano Paulista* – os grandes rivais do candidato Amaral. Para nosso intelectual, o *PRP* era preconceituoso com o trabalhador nacional e virtuoso com o estrangeiro. Durante a sua primeira campanha política, Amadeu Amaral acusou o *PRP* de facilitar com “carinhos” oficiais e extra-oficiais, a imigração japonesa. Exemplificado em sua palestra, através da colônia Katsura, localizada na zona litorânea meridional paulista e que, em 1920, já contava com alguns milhares de habitantes.

Ainda nessa conferência, realizada no *Teatro Municipal de Capivari*, em 1922, conforme relato de Paulo Duarte, Amadeu Amaral informou que se fosse dado ao caipira o que é fornecido ao japonês, o primeiro seria um magnífico trabalhador, um exemplo para o mundo. Mas, o que tinha o imigrante japonês? Na visão do então candidato:

[...] uma direção e polícia que lhes permitem trabalhar felizes e sossegados. A colônia tem professores. Tem médicos, que não só atendem aos enfermos, como estudam, em laboratórios, as moléstias da região, em vista de uma profilaxia preventiva e combativa mais segura” (AMARAL, 1976, p. 40).

A mudança de opinião de Amadeu Amaral sobre os caipiras pode ser medida, também, através de seus estudos folclóricos. Anos após sua primeira campanha política (1922), precisamente sete anos depois, Amaral criticava os folcloristas que afirmavam que uma das particularidades de nossas manifestações populares é sua cantoria triste e cheia de saudade. Amaral informou crer que se temos quadras, lendas, contos ou cantigas tristes isso não ocorre porque somos um povo triste e sim porque boa parte da população reflete a falta de saúde e as insuperáveis dificuldades da vida. A prova de que isso não está ligado ao caráter do povo é que:

[...] nas regiões e localidades onde há bom clima, trabalho remunerado, facilidades e garantias, o caipira deixa de ser um urupês raquítico em perpétuo parasitismo, para ser planta viçosa; deita raízes, instala-se firme na terra, próspera enche-se de filhos e netos ‘sacudidos’, começa a ter genealogia, abre-se em iniciativas, acalenta aspirações, e ri a bom rir [...] e luta quando é preciso (AMARAL, 1948, p. 154 -155).

O mesmo raciocínio pode ser encontrado na conferência *A poesia nativa do nosso povo* realizada no Conservatório de Música, em 17 de setembro de 1925, três anos após sua primeira campanha política. Nessa palestra, Amadeu Amaral analisou poesias, ditas pelo palestrante como sendo compostas por caipiras. Ainda segundo Amaral suas principais fontes foram poesias coletadas por seu primo, Cornélio Pires, e seu amigo, o cearense e estudioso dos sertanejos, Leonardo Mota (AMARAL, 1948, p. 95-121).

Durante a explanação, Amadeu Amaral procurou mostrar que a poesia caipira era riquíssima e abordava praticamente todos os assuntos do cotidiano como o amor, a traição, a religião, a morte, a esperança, a fome, a política e até as desigualdades e injustiças sociais. Uma das poesias caipiras mais famosas, para o folclorista Amaral, falava sobre esses dois últimos assuntos. Essa poesia, reproduzida a seguir, havia sido coletada por Cornélio Pires em Piracicaba-SP e por Amaral em Jaú-SP.

A vida da gente pobre
Padece, não tem altura
A vida de gente rica
Arregala e tem fartura

O rico levanta cedo,
Toma café com mistura
O pobre bebe guarapa,
Quase sempre sem doçura

A sobremesa do rico,
Marmelada e rapadura
O doce de gente pobre,
Miolo de abobra madura.

A roupa da gente rica,
Fazenda boa que dura
O trapo de gente pobre
E só remendo e costura

Gente rica fica doente,
Vem logo o doutor e cura
Quando o pobre fica doente,
O remédio é a sepultura.

Cavalo de gente rica,
Tem passo e tem armadura
A égua de gente pobre
É calombo e pisadura

O rico quer comer peixe
No mercado ele procura
O pobre agarra a vara
E sai pra noite às escuras

A perna de moça rica
E bonita e tem grossura
Cambito de moça pobre
Inda perde pra saracura

Quando gente pobre morre
Vai gozar lá nas alturas
O rico vai é pra os quintos
Fervendo na fervura
(AMARAL, 1948, p. 114-115).

Numa aproximação com Cornélio Pires, Amadeu Amaral afirma que o caipira é risonho e humorista diante das dificuldades e injustiças de nossa sociedade. Segundo Amaral, a poesia caipira, como toda poesia, é importante por que nos serve como um importante “[...] valor documental acerca do espírito, das tendências, dos costumes das nossas populações rurais”(AMARAL, 1948, p. 119). Logo, segundo o conferencista Amaral, em 1925, estudar o universo da poesia popular é conhecer melhor populações que “...são a infra-estrutura da nacionalidade” (AMARAL, 1948, p.119). Por isso, o folclore e seus estudiosos são tão importantes para Amadeu Amaral.

O caipira no futuro

O *Mini Aurélio* distribuído pelo governo federal, por volta do ano 2000, a todos os alunos da rede pública de ensino da Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro informa que a palavra caipira significa “Habitante do campo ou da roça, particularmente os de pouca instrução e de convívio e modos rústicos e canhestros” (FERREIRA, 2000, p. 119). Saindo dos dicionários gerais para os especializados a diferença é pequena. No famoso *Dicionário do folclore brasileiro* de Luis da Câmara Cascudo o caipira é um interiorano tímido e despreparado para o convívio em sociedade, pois não passa de um “Homem ou mulher que não mora em povoação, que não tem instrução ou trato social, que não sabe vestir-se ou apresentar-se em público [...] Habitante do interior, canhestro, tímido, desajeitado, mas sonso” (CASCUDO, 1979, p. 175-176).

O que estas duas obras, direcionadas para o grande público e publicadas anos depois de fundada a Primeira República, mostram é uma imagem do caipira como alguém que habita o campo, preferencialmente em lugares ligados ao setor terciário ou agrícola. Porém, não é apenas isso, os dicionários acima transmitem a idéia de que o caipira continua sendo um interiorano desconectado da modernidade (ou globalização) e sem chances dela participar como sujeito de seu próprio destino.

Dos três intelectuais estudados, Monteiro Lobato, Cornélio Pires e Amadeu Amaral, Pires é o único que, via de regra, positiva o caipira de dentro para fora. Isto é, Cornélio é o único que nunca explicitou os caipiras, em geral, como “racial” ou culturalmente inferior a qualquer outro tipo de trabalhador do mundo. Além do que, se destaca por diversificar *facialmente* o nosso caipira ao visualizá-lo como branco, negro, mulato e caboclo o que contradiz seu primo Amadeu Amaral que apaga a presença da “cultura negra” no universo caipira e até paulista!

O caipira de Cornélio Pires plenamente visualizado em seu livro *Conversas ao pé do fogo* (1921), com exceção da matriz cabocla, é a “família de camponeses” cujo trabalho povoou remotos recantos do sertão e construiu estradas por onde passou o “desbravador” bandeirante. Para Cornélio o caipira foi o verdadeiro colonizador e conquistador do interior, visto que, era um ser humano:

De rara inteligência – não vai nisso um exagero – são incontestavelmente mais argutos, mais finos que os camponeses estrangeiros. Compreendem e aprendem com a maior facilidade; fato aliás observado por estrangeiros que com eles têm tido ocasião de privar. É fato: o caipira puxador de enxada, com a maior facilidade se transforma em carpinteiro, ferreiro, adomador, tecedor de taquaras e guêmbé ou construtor de pontes [...] (BRANDÃO, 1983, p. 28).

Se os caipiras, para Cornélio Pires, ajudaram a construir a nossa nação, o mesmo não pensava, inicialmente, José Bento Monteiro Lobato que acreditava ser o caipira um sujeito racialmente inferior e, por isso mesmo, condenado e culpado pelo seu estado miserável. Porém, após entrar em contato com estudiosos da baracteologia e microbiologia este passou a defender a concepção sanitarista, que afirma que todo sujeito (no caso o caipira) encontrava-se na miséria e indolência por causa de

enfermidades que podem e devem ser curadas e não por determinismos raciais ou climáticos.

Quanto a Amadeu Amaral este nunca verbalizou, como Lobato, uma visão explicitamente negativa sobre o caipira. Entretanto, de início acreditou que estes eram fadados ao desaparecimento por serem desprovidos de qualidades “modernas” como a alfabetização. É verdade, que ele irá reformular o seu pensamento ao passar a considerá-los como sujeitos ativos do processo histórico. Lembre-se que Amaral, por volta do ano de 1922, passou a crer em um caipira desbravador de sertões. Contudo, diferente do primo Pires, nosso imortal descarta a presença da “cultura negra” nesse debate por preconceito racial.

Por fim, o leitor(a) não pode perder a dimensão de que Monteiro Lobato, Cornélio Pires e Amadeu Amaral estavam numa “competição” para ver quem definia a imagem vencedora sobre o caipira. Nesse sentido, apesar de uma análise apressada indicar a vitória de Lobato devido a consagração do personagem Jeca-Tatu, o mais correto é considerar que a imagem do caipira atual é um mosaico com a assinatura de vários intelectuais. Do Jeca aos tipos engraçados de Mazzaropi, o caipira permaneceu um roceiro matuto e atrasado (ponto para o Monteiro Lobato de “Urupês”, 1914). Além disso, se não virou branco pelo menos embranqueceu (ponto para Amadeu Amaral), mas é inegável que é visto e apresentado, até mesmo por algumas duplas sertanejas atuais, como brincalhão e divertido (ponto para Cornélio Pires).

Referências Bibliográficas

AMARAL, Amadeu. *O dialeto caipira*. São Paulo: Livro editora, 1920.

_____. *Tradições populares*. São Paulo: Progresso, 1948.

_____. *Política humana*. São Paulo: Hucitec, 1976.

ARAÚJO, A. M. Cornélio Pires – o bandeirante do folclore brasileiro. *Revista da Academia Paulista de Letras*, São Paulo, n. 72, ano 25, nov. 1968.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues; *Os caipiras de São Paulo*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

CASCUDO, Luís da Câmara. *Dicionário do folclore brasileiro*. São Paulo: Melhoramentos, 1979.

DUARTE, Paulo. *Amadeu Amaral*. São Paulo: Progresso, 1948.

FERREIRA, Sérgio Buarque de Holanda. *Mini Aurélio*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

FERREIRA, Antônio Celso. *Epopéia bandeirante*. São Paulo: EdUNESP, 2002.

FERREIRA, Leonardo da Costa. *Memória, política e folclore na obra de Amadeu Amaral entre 1916 e 1928*. 2007. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal Fluminense, Niterói.

LEITE, Sílvia Helena Telarolli de Almeida. *Chapéu de palha, panamás, plumas e cartolas*. São Paulo: EdUNESP, 1996.

LOBATO, Monteiro. Velha praga. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 12 nov. 1914.

_____. O início da ação. In. LOBATO, Monteiro. *O problema vital*. São Paulo: Sociedade de Eugenia de São Paulo, 1918.

_____. Correspondência com Godofredo Range, 20/10/1914. In. LOBATO, Monteiro. *A barca de Gleyre*. São Paulo: Brasiliense, 1959. Tomo 2.

PIRES, Cornélio. *Quem conta um conto...* São Paulo: Seção de Obras do Estado de S. Paulo, 1916.

_____. *Conversas ao pé do fogo*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 1987.

ROVAI, A. O caipira paulista. *Revista da Academia Paulista de Letras*, São Paulo, ano 35, set. 1978.

SKDIMORE, Thomaz. *O preto no branco*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

Artigo recebido em abril de 2008 e aceito para publicação em outubro de 2008.